



Recebido em 07/07/2021

Aceito em 27/09/2021

DOI: 10.26512/emtempos.v1i39.39625

NOTAS DE PESQUISA

Cangaço: mulheres e memória (1930-1940)

Cangaço: women and memory (1930-1940)

Antoniél Neres dos Santos

Graduado em História pela Universidade Cruzeiro do Sul.

orcid.org/0000-0001-7251-413X

antonielneres14@gmail.com

Jackeline Mendonça Costa

Graduada em História pela Universidade Cruzeiro do Sul.

orcid.org/0000-0002-6376-7570

jackecosta8@hotmail.com

RESUMO: Este breve artigo pretende discutir alguns aspectos da participação feminina no Cangaço, características da principal classe social à qual emergiram, e a mitificação que fora construída e reproduzida em torno dessas mulheres. Destaca-se a dissemelhança entre Maria de Lampião e Dadá, que enquanto cangaceiras, realizaram ações que iam contra certos paradigmas da sociedade sertaneja (mas preservando seu código). A proximidade dos bandoleiros para com os nordestinos preservou uma memória (coletiva) que se distancia da documentação, através do uso da História e Memória apontamos como os fatos podem ter tomado tal desdobramento.

PALAVRAS-CHAVE: Bando. Cangaço. Mulher.

ABSTRACT: This brief article intends to discuss some aspects of female participation in Cangaço, characteristics of the main social class to which they emerged, and the mythification that was constructed and reproduced around these women. The dissimilarity between Maria de Lampião and Dadá stands out, who, while outlaws, carried out actions that went against certain paradigms of sertanejo society (while preserving their code). The proximity of brigands to northeastern people preserved a (collective) memory that distances itself from documentation, through the use of History and Memory we point out how the facts may have taken such a development.

KEYWORDS: Bunch. Cangaço. Woman.

Considerações Iniciais

Após tantos anos de fim do Cangaço, e conseqüentemente a morte daqueles que fizeram parte do grupo de Virgulino Ferreira da Silva e seus subgrupos, o olhar da sociedade nordestina em sua maioria é invertido, visto que enquanto o Rei do Cangaço junto a Maria Bonita estavam no auge, eram tidos por muitos como os “justiceiros do sertão”, pelo fato de não atacarem pequenos comerciantes e produtores, e pagarem pelas coisas que adquiriam destes, até mesmo fazendo-os de protegidos, com o sistema de

acoitamento. Mas certamente os cangaceiros dependiam das alianças com os poderosos da época, os coronéis, em vista do conflito constante entre bandoleiros e forças volantes, se poderia esperar a intervenção dos coronéis quando ameaçava interferir em seus interesses. No entanto, essa fama positiva não era um consenso, havia aqueles que enxergavam, especialmente as cangaceiras, como mulheres bandidas de vida aventureira e leviana, porém a proximidade entre os bandos e os sertanejos era um obstáculo para que tais expressões escapasse dos lábios.

O conceito de liberdade¹ no Cangaço certamente diferencia-se da nossa contemporaneidade. Para as mulheres que adentraram aos bandos por vontade própria, o simples fato de poder utilizar vestidos um pouco mais curtos, maquiarse e dançar, poderia ser “sinais de liberdade”, pois essas eram ações contrárias ao código estabelecido, onde esperava-se que as mulheres fossem boas donas de casa, subservientes ao marido, sendo as mulheres que se “pintava” e “divertia” tidas como imorais. Além de que, segundo Negreiros (2018) o movimento feminista que surgira no Sudeste na década de 1920, como todo processo histórico, levou tempo até gerar maiores efeitos, ainda mais na sociedade patriarcal sertaneja. O Cangaço reproduzia o grosso desse código, exigindo das mulheres fidelidade e submissão a seus companheiros, podendo ser agredidas ou até mortas por tais, conforme as motivações mesquinhas que os impelia.

Maria do Capitão — *Madame Pompadour* do Cangaço

Ao realizarmos uma análise histórica dos fatos que levam Maria Gomes de Oliveira (1911-1938), a Maria de Lampião, como era chamada no bando, adentrar ao Cangaço, é importante compreendermos a problemática das fontes. Diferentemente de ex-cangaceiras como Dadá e Sila, que escaparam do massacre da Grota do Angico e tiveram oportunidades de dar diversas entrevistas ao longo da vida, Maria foi uma das que perderam a vida naquele fatídico dia. Além disso, grande parte da documentação produzida no período, referente às mulheres no Cangaço, é repleta de estereótipos e fantasias², como a exemplo desta notícia publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* que diz: “[...] composto de 23 pessoas: ‘Lampeão’, 19 caibras e 3 mulheres – 3 verdadeiras megéras; todos fardados de brim kaki, bem montados, armados de fuzil e rifle, trazendo farta munição. Conduziam também, punhais e revólveres à cinta” (*O Estado de S. Paulo* 20/07/1933, p. 4). No entanto, a História (Oral) e Memória nos permitem realizar estudos com maiores aproximações³. Mesmo havendo declarações que se contradizem em alguns

¹ De um olhar do futuro, aparenta que essas mulheres apenas trocaram o ambiente de dominação paterno pelo do cônjuge, mas no contexto apresentado era isso que elas entendiam por liberdade. Ainda não havia os meios necessários para elas terem uma compreensão de liberdade mais aproximada do que existe hoje.

² “Uma observação a fazer: nesses tempos de que cuidamos, nem todos os órgãos da imprensa tinham um cuidado mais profissional, mais investigativo sobre os temas focalizados, e as notícias sobre esses assuntos vinham para os periódicos de duas fontes: dos soldados e dos oficiais da Polícia ou então, com bem menos frequência, de vítimas” (ARAÚJO, 2011, p. 36).

³ Expressão usada costumeiramente em estudos historiográficos para se referir a aprofundamento.

pontos⁴ — acontecimento normal se tratando deste tipo de pesquisa — um depoimento não anula o outro, são pessoas e momentos diferentes. Logo é preciso considerar o fato de a memória individual está sujeita a pequenas mudanças no transcorrer do tempo⁵.

Após fazermos essas breves indagações, podemos dar seguimento à análise proposta. Maria Gomes de Oliveira, conhecida também pelo nome de Maria Déa — antes de entrar para o grupo de Lampião — e posteriormente ao fim do Cangaço lhe fora atribuído o vulgo Maria Bonita. Foi casada com o seu primo José Miguel da Silva, o Zé de Neném, como era conhecido, sendo um típico relacionamento da época, estava sujeito às sucessivas aventuras extraconjugais por parte de José, algo esperado e aceitável. Segundo Negreiros (2018) tais acontecimentos eram motivos de discussões acaloradas, mas Maria para tentar escapar das situações conflitantes, buscava refúgio na casa de seus pais, onde permanecia durante dias e tornava a fazer atividades de moça solteira com suas irmãs: bordar lenços, bate-papos e em noites de luar, participar das festas que alegravam a terra seca e sofrida. Esse modo de agir de Maria Déa rendia comentários como: por mais que fosse traída, ela não fazia por onde ser uma boa esposa (NEGREIROS, 2018, p. 22). Ou seja, uma mulher casada festejando, sem o seu marido, era tido como mais do que “justificativa” para a falta de fidelidade do companheiro e, até mesmo agressões.

O primeiro encontro de Maria Déa com Virgulino, o Lampião, ocorreu enquanto ela estava na casa dos pais, a família de Maria era coiteira. Coiteiros eram sertanejos que se associavam com os bandoleiros, lhes oferecendo abrigo, alimentação e outros serviços, os quais eram pagos. As famílias coiteiras eram compostas principalmente de pequenos fazendeiros, informação que se perpetua até mesmo em versos de cordéis, como no *Maria Bonita – A Eleita do Rei*, do escritor Gonçalo Ferreira da Silva, que diz:

Maria Bonita filha
De pequeno fazendeiro
Nunca soube o que foi falta
De mantimento e dinheiro
Só mudaria de vida
Por um amor verdadeiro
(SILVA, 2000, p. 5).

Mais à frente abordaremos a situação econômica das mulheres que adentraram ao Cangaço. Focaremos em primeiro momento na dita personagem. No ano de 1930, após já ter iniciado um relacionamento com Maria, Virgulino decidiu ir contra as regras do bando, que proibia veemente a entrada de mulheres. Segundo Negreiros (2018) nesse

⁴ Pensando num exemplo de discordância, segundo Mello (2018) ao buscar a origem dos bornais utilizados no Cangaço, que surgiu com a presença feminina, se deparou com um impasse, pois tanto Dadá como Sila diziam ser a única criadora, já sua pesquisa apontou indícios de que o próprio Lampião concebeu os bornais.

⁵ “A recuperação de um evento na memória ocorre por meio de pistas atuais que levam a uma busca ativa da informação em um banco de dados armazenado em longo prazo. Desse modo, a recuperação é gerativa [...] o conhecimento autobiográfico pode ser modificado se a informação entra em desacordo com as demandas e metas atuais” (GAUER, G.; GOMES, W.B.; 2008, p. 508).

momento Lampião “quebrou a sua palavra”, visto que no período as declarações de um homem quando refutadas comprometia a sua honra, então ele lançou o próprio chapéu no chão e pediu para seus companheiros fazerem ali suas necessidades. Em muitos casos, cujo a honra do sertanejo fosse manchada, a compensação ou “lavar a honra”, envolvia-se a realização de uma ação considerada vergonhosa, e em certas circunstâncias, bordoadas ou a eliminação da pessoa que causou tal mancha. Contudo, assim estava permitido a entrada a Maria Déa, que abandonou o seu marido para se tornar a Maria de Lampião, enfatizando o conceito de propriedade que havia sobre ela, também sobre as demais mulheres que fizeram parte do Cangaço.

Essas mulheres tiveram um papel importante: elas não estavam presentes para realizar tarefas domésticas, como alguns cordelistas afirmavam, pois os próprios cangaceiros faziam isso, mas essas mulheres contribuíram para reduzir, mesmo que não tão significativamente, as ações violentas do bando. Em entrevista ao Viviana e Neto, para o documentário *Feminino Cangaço* (2013), a ex-cangaceira Adíla, declarou intervir em situações de assassinato de “pessoas inocentes”, fazendo apelos pela vida da vítima. Assim os bandoleiros procuravam evitar a execução de atos violentos na frente de suas companheiras. Além disso “[...] Quando estavam acompanhados de suas mulheres, os cangaceiros evitavam as aventuras extraconjugais, o que contribuía para diminuir a ocorrência de estupros”⁶ (NEGREIROS, 2018, p. 52).

Os combates recorrentes entre os cangaceiros e as tropas volantes é um assunto propício para o surgimento de mitos, perpetuados pela memória popular. Dentre algumas dessas distorções ou exageros, pode-se destacar a ideia de “cangaceira guerreira do sertão”, que combatia as forças policiais igualmente aos integrantes homens. Essas suposições são totalmente contrárias aos depoimentos das próprias ex-cangaceiras, com exceção de Dadá, tema que abordaremos mais adiante, as mulheres, durante os tiroteios, se escondiam e ficavam sob a proteção de dois ou três bandoleiros. As armas de pequeno porte carregadas por elas poucas vezes dispararam, Dadá ressalta: “[...] as moças muitas carregavam pistolinha de brincadeira” (DIAS, 1989, p.21). A declaração enfatiza o fato de desaparecerem nos momentos de sovas tiros. Porém, o mito reverberou num vasto espaço, como se pode notar na notícia publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, que diz: “[...] hábeis amazonas e manejam rifle com incrível destreza. Algumas são tão cruéis quanto os homens. Tomam parte nos assaltos e combates ao lado dos bandoleiros, mostrando-se tão destemerosas como eles” (*O Estado de S. Paulo*, 13/01/1937, p. 7 apud FREITAS, 2005, p. 129).

A interação de Maria com os outros integrantes do Cangaço é descrita em muitas entrevistas de ex-cangaceiras, sendo referida de forma negativa. Dadá diz: “Maria de Lampião tinha uma pompa danada. Era uma coisa, tinha tempo que ninguém suportava” (DIAS, 1989, p.35). Por ser mulher do chefe, Maria tinha o ar de Rainha do Bando, os demais cangaceiros não a desrespeitavam por motivos óbvios. No entanto, é relatado pela entrevistada que Corisco salientou a Lampião do incômodo do grupo, dizendo: “Homem governado por mulher não dá certo [...] Minha mulher muito pouco

⁶ Dentre os cangaceiros, era habitual a prática das geras, termo utilizado para caracterizar estupros coletivos.

fala, quanto mais me governar” (DIAS, 1989, p.35). Ou seja, Maria não era nenhuma guerreira do sertão, mas podia dar-se ao luxo de uma submissão relativa.



Figura 1: Maria Bonita acompanhada de seus cães, Ligeiro e Guarani, 1936. (*Diario de Pernambuco*, 17/02/1937, p. 12 apud Fotografia de Benjamin Abrahão).

A presença feminina no Cangaço era enxergada de formas diferentes, localmente entendia-se como uma redução das ações violentas e o surgimento do mito de guerreiras do sertão. Em estados próximos, como Pernambuco, Maria de Lampião ou Maria do Capitão, foi associada à figura da Marquesa de Pompadour, ressaltando sua importância e elegância, num trecho do texto que acompanhara a sua foto dizia:

A photographia acima foi feita pelo sr. Benjamin Abrahão, elnematographista-amador e que a cedeu especialmente aos “Diarios Associados”. Nella apparece a companheira de “Lampeão” trasendo o seu “tenue” domingueiro, os cabellos altrados a banha cheirosa, meias de algodão, sapatos “tressés” e seu vestido azul claro de linho (*Diario de Pernambuco*, 17/02/1937, p. 12).

O uso de palavras francesas tinha claramente o objetivo de fazer tal analogia. Pode-se notar a admiração que se construiu em torno da personagem, fomentando uma imagem de beleza, que corroborou para posteriormente ser conhecida pelo vulgo Maria Bonita. Além disso, esses acontecimentos fizeram por ocupar mais fortemente o espaço da memória coletiva, e assim perpetuou-se na cultura popular nordestina.

Alguns aspectos das integrantes do Cangaço

A participação feminina no Cangaço foi um marco histórico, após Virgulino permitir a entrada de Maria Déa no bando, concedeu-se a abertura para que os demais cangaceiros também trouxessem as suas mulheres. Muitos deles já possuíam suas próprias companheiras, porém elas permaneciam nas cidades ou em habitações rurais, sendo visitadas de maneira esporádica. Além da Maria do Capitão, nesses últimos anos de Cangaço, de 1930-38 encerrando com a degola de Lampião e, 1938-40 com o fim dos últimos remanescentes, ocorreu a integração de mais aproximadamente quarenta mulheres, bastante delas levadas à força.

As mulheres que adentraram ao Cangaço, em suma, provinham de uma classe intermediária, ou seja, não eram filhas de grandes proprietários e nem de pequenos trabalhadores rurais — para quais a próxima refeição era uma incógnita. Alguns pesquisadores do tema, como Daniel Lins e Rosemere Santana, trabalham com a ideia de “rpto consentido” (LINS, 1997, p. 79 apud SANTANA, 2013, p. 91). Havia mulheres que assim como Maria Déa, foram seduzidas pela vida de liberdade e aventuras proporcionadas pelos grupos cangaceiros. Isso resultou num caso incomum, segundo Negreiros (2018) Durina Gomes de Sá, a Durvinha, filha de um dos maiores criadores de bodes da região de Santo Antônio da Glória, após ter sua família atacada pelas tropas volantes — sob o pretexto de acoitar cangaceiros — ela seguiu o homem por quem havia se interessado anteriormente, o bandoleiro Moderno.

Em uma das entrevistas prestadas por Dadá, ela relatou a presença de mulheres de famílias abastadas, e aventureiras no Cangaço, como no caso de Durvinha e Sila, que foram descritas como: “gente de bem, gente de família, filhas de fazendeiros, tudo moça, mas teve também mulher casada que foi pro grupo [...] eram casadas e se apaixonaram e fugiram pro bando. As outras eram tudo moças, meninas, filhas de gente de recurso” (DIAS, 1989, p. 34 - 35). No entanto, as mulheres filhas de homens de posses eram uma exceção, jamais a regra, os bandoleiros procuravam evitar intrigas com esses, afinal preconizava-se uma política de alianças.

Para um melhor entendimento do depoimento proferido pela ex-cangaceira, registrado no parágrafo anterior, é preciso compreender certos aspectos da mentalidade contemporânea ao período analisado. A região nordestina havia perdido a proeminência econômica no século XVIII, substituída pelas regiões Sul e Sudeste, que apresentaram crescimentos significativos devido as benesses concedidas pelo Estado as elites locais. Portanto, o Nordeste ficou de certa forma “esquecido pela União”, enquanto enfrentava longos períodos de secas e, a população mais pobre confrontava-se com a fome — muitas vezes recorrendo a migração para adquirir algum meio de subsistência. Ou seja, o sertanejo que possuía uma pequena terra para cultivar e/ou um emprego no *rosário*⁷, era tido no conceito popular, como “gente de bem - gente de recurso”, pois compunha a classe cujo situação era melhor do que a de muitos dentro daquele espaço.

Cabe aqui abordar brevemente o conceito de segurança nesse contexto, assim como os parentes de Maria Bonita e Durvinha, muitas famílias acoitavam cangaceiros, logicamente tinha-se interesse de ambos os lados, enquanto os cangaceiros adquiriram

⁷ Nomeação utilizada no conceito popular para referir-se ao centro das pequenas cidades do interior.

um espaço para repor mantimentos e, mais tarde dar um lar a seus filhos recém-nascido, as famílias coiteiras em certo sentido recebiam proteção por parte dos bandos. Situações envolvendo disputas, antagônicas aos coiteiros, decorriam na intervenção dos bandoleiros. Por outro lado, a polícia não lhes dava nenhuma garantia, além de que as forças volantes, especialmente a volante pernambucana, cometia mais assassinatos e estupros que os próprios cangaceiros. Desta forma, restava apenas aos sertanejos se associarem com aqueles que lhes oferecessem algum resguardo.

Dentre uma das formas de proteção oferecida pelos bandoleiros, pode-se destacar o “não estupro”. Segundo Negreiros (2018) havia regras na prática do gera, esposas e filhas de famílias coiteiras não podiam ser abusadas. Em ocasiões que a razão deu lugar ao desejo doentio, como no caso do cangaceiro Sabiá, que estuprou uma menina de quinze anos, filha de coiteiros na região de Santo Antônio da Glória, ele foi morto pelos próprios companheiros de bando sob as ordens de Virgulino. Mediante o estudo da historiografia, é possível notar que ocasiões como essa não eram raras, mas o medo das consequências refreou parte desse tipo de ação.

O banditismo social é um tema que concebi vários debates, especialmente na esfera da História Social. Segundo Freitas (2005) os historiadores buscam descrever o mito do bandido social como sendo uma reação as transformações inseridas na sociedade a partir do advento do capitalismo e das alterações nas relações de convívio e trabalho. Em tese o bandido social faz parte da população apta a passar fome, portanto procura tomar pelas armas o necessário para sobreviver, assim a diferença do bandido social para o bandido comum, se dá no apoio das massas ao primeiro. Porém, isso acaba por cair na generalização, pois o interesse em discutir o assunto é voltado para a resposta da população rural frente as transformações no modo de produção. A grosso modo, tais argumentos não são aplicáveis ao Cangaço, afinal sua manifestação se dá através do descaso governamental acrescida do coronelismo e seus interesses⁸ (MONTEIRO, 2002, p. 10).

O cangaceiro é um personagem que se enraíza na história, mas que consegue se deslocar dela. Por isso se transformou em um mito. O mito pode servir para qualquer discurso, sobretudo quando você tem valores positivos para associar a ele. O cangaceiro é o justo, o corajoso, quando a situação propicia a isso. Quando não, ele simplesmente aplica a lei dele, que é a lei do direito natural (GOMES; HACKMAYER; PRIMO, 2008, p. 16).

No campo acadêmico existe uma frase bem conhecida: “a história é escrita pelos vencedores”. Porém, mesmo os cangaceiros não se encaixando nesta definição, pode-se dizer que a história foi gentil com eles, por meio de uma série de acontecimentos — como a romanização feita pelos cordelistas e a heroificação da história contada pelos coiteiros — o cangaceiro é preservado na memória popular como sendo o “justiceiro do sertão”. Os assassinatos e estupros cometidos muitas vezes sem motivo aparente⁹, caíram num

⁸ “Foi atrelado a todas essas circunstâncias sociais e físicas que o cangaço floresceu com força, inicialmente carregado de pouca destruição, para depois, com o passar dos anos, tornar-se forte e violento, envolvendo, em seu redemoinho de morte, a desgraça de famílias inteiras” (MONTEIRO, 2002, p. 53).

⁹ “As diversas fontes consultadas indicam que os cangaceiros atacavam as mulheres consideradas inimigas. Ou seja, mulheres de policiais (mãe, esposa e filhas), dos colaboradores da polícia e as dos

obscurantismo no que diz respeito à memória. Não cabe aqui demonizar a imagem do Cangaço, mas para se analisar a história de uma das cangaceiras mais notórias, que chegou por um breve momento a assumir posição de liderança, é importante trazer luz sobre alguns aspectos das relações do Cangaço.

Dadá: de criança raptada ao exercício do poder

Ao analisarmos a história das mulheres no Cangaço, existe uma fonte primordial, as entrevistas e depoimentos de ex-cangaceiras, que proporcionam a oportunidade ímpar de algumas dessas mulheres contarem a própria história. Durante meados do século XX, historiadores, escritores e jornalistas procuraram entrevistá-las, a fim de entender o cotidiano no Cangaço e o modo de vida dessas mulheres. Esse é o caso de SÉrgia Ribeiro da Silva (1915-1994), ex-cangaceira Dadá, ela prestou várias entrevistas, mas sempre procurou conhecer quem a entrevistava, como ela mesmo definiria, para saber se era “uma pessoa de bem” (FEMININO, 2013. Documentário, 75 min). Impressionava com a riqueza de detalhes com que descrevia os doze anos que sobreviveu no subgrupo de Cristiano Gomes da Silva Cleto, vulgo Corisco, com quem teve um relacionamento.

O pai de Dadá, Vicente Ribeiro da Silva, teve a filha tomada por Corisco, o Diabo Loiro, por conta de uma suspeita de denúncia sobre um ato ilegal cometido por um protegido do bando. A vingança era um dos preceitos mais fortemente incorporado pelos cangaceiros. Sendo assim, naquele mesmo dia em que Corisco carregou a pequena SÉrgia, ele veio a abusar sexualmente, depois a entregou aos cuidados de Vitalina, tia do Diabo Loiro, esta senhora ajudou a tratar dos ferimentos da menina, causados pelo estropo e a acolheu durante um tempo — esses eventos repentinos deixou SÉrgia traumatizada nos primeiros anos dessa nova vida. Ao rememorar os acontecimentos Dadá diz:

Aí então surgiu uma questão de uma família que tinha lá. Uma família de pessoal que tinha muito criatório e tinha um rapaz estragando a criação desse homem. Aí, a Força foi e prendeu ele, bateu muito, estragou com ele. Eles tomaram por vez, que tinha sido meu pai que tinha delatado esse fulano. E esse fulano era conhecido de Corisco. Aí mandaram ele ir me carregar, que era a vingança que podia ter de meu pai era me carregando (DIAS, 1989, p. 17.).

Durante o tempo que permaneceu na casa de Vitalina, SÉrgia recebeu frequentes visitas de Corisco — na primeira vez que o viu depois do abuso ela entrou em choque, como descreveria anos mais tarde: “o horror” (DIAS, 1989, p. 18.). O Diabo Loiro reservou algum tempo no decorrer desses encontros para alfabetizar a menina, mas ela resistia, jogando os livros e cartilhas para longe. Era comum membros do Cangaço serem alfabetizados¹⁰, mesmo que precariamente, para assim compreender os artigos de

considerados traidores. As vítimas da volante eram, sobretudo, as cangaceiras, mulheres de coiteiros e amigos dos cangaceiros” (FREITAS, 2005, p. 199). No que se refere às mulheres inimigas, os combatentes enxergavam “motivo” para os abusos.

¹⁰ O autor Frederico Pernambucano descreve Virgulino como um homem cerebral: “[...] leitor de folhetos de cordel, de jornais, de revistas e de livros, um freguês de salas de cinema, sempre que possível” (MELLO, 2018, p. 306). Os demais integrantes, em especial os chefes de subgrupos, como Corisco, procuravam imitar o Rei do Cangaço.

jornais, pois denunciavam as ações dos cangaceiros e poderiam trazer alguma informação sobre as tropas policiais — costumeiramente chamados de macacos pelos bandoleiros, supostamente devido aos uniformes marrons e o impulso em seguir ordens.

Após Sérgio ser levada por Corisco para viver com os indígenas pankararés, que atuavam como guias para os cangaceiros na região do Raso da Catarina, Dadá deu à luz a seu primeiro filho, o menino recebeu o nome de Jeosafá (MELLO, 2018, p. 158). No entanto, como era de costume, o recém-nascido foi entregue a uma família coiteira, pois um bebê dificilmente sobreviveria ao modo de vida errante em meio a caatinga, e também o choro poderia denunciar a localização do bando quando a volante estivesse próxima. Como não se fazia o uso de métodos contraceptivos e as mulheres no Cangaço precisavam estar à disposição de seus homens, as gestações eram constantes — muitas tentavam induzir o aborto recorrendo aos remédios do sertão, mas sem eficiência.

Segundo Freitas (2005) mediante os depoimentos de Dadá, inicialmente ela não tinha sentimentos de afeição pelo bandoleiro, porém o sentimento surgiu e se solidificou ao longo do convívio. A ex-cangaceira enfatiza: “Que horror quando aquele homem chegava. Naquela condição eu fui pegando amor a ele acabou com meu amor por mais ninguém” (DIAS, 1989, p. 18.). Pela forma como Corisco a tratava, com educação, paciência e assegurando-lhe proteção, levou a Sérgio a apegar-se tais qualidades. Depois da gravidez, sua relação com o companheiro tornou-se mais afetiva, ao ter de entregar os filhos a coiteiros, ao todo, três filhos, Dadá começou enxergar o Diabo Loiro como a única pessoa de sua vida.

A relação de Dadá com os outros membros do Cangaço era fria, ela adotava uma postura rígida e, quando necessário, até ácida. Essa foi a fórmula que encontrou para ser respeitada pelos bandoleiros. Em entrevista ao Viviana e Neto, para o documentário *Feminino Cangaço* (2013), o historiador Frederico Pernambucano de Mello, qual entrevistou Sérgio por vezes, declara que a ex-cangaceira praticava *bullying* com os outros membros do bando, ocorrendo situações em que até mesmo “ia na abertura do cabra” caso a desrespeitasse.



Figura 2: Dadá grávida, 1936. (Domínio público apud Acervo: Fundação Joaquim Nabuco).

Na imagem acima pode-se observar Dadá num estado avançado de gravidez, com o seu vestido de batalha, e vários anéis nos dedos das mãos. Ela apresenta uma postura ereta e um semblante mais descontraído. Como habitualmente demonstrava maior seriedade, o coronel Audálio Tenório de Albuquerque¹¹, aliado de Lampião, a apelidou de “Nega Pau”, mas somente ele podia chamá-la assim. Diferentemente de Maria de Lampião, Ségia não expressava tanta vaidade, mediante suas declarações, nota-se o enfoque nas habilidades bélicas (FEMININO, 2013. Documentário, 75 min).

Como vimos anteriormente, as mulheres não participavam dos combates, muitas nunca chegaram a dar um único disparo. No entanto, o caso de Dadá diferencia-se, ela chegou a participar de algumas escaramuças depois de Corisco perder a firmeza dos braços — devido aos ferimentos causados pelos tiros de armas de fogo. Não apenas isso, mas aquela que um dia foi raptada, abusada e obrigada a acompanhar um cangaceiro numa vida errante e cheia de perigos, assumiu a posição de liderança do subgrupo. O acontecimento deve-se ao fato de o Diabo Loiro ter confiado apenas em Ségia para comandar o bando, possivelmente, se outro bandoleiro assumisse o controle, Corisco não mais teria a oportunidade de retornar ao comando. Além disso, Dadá afirmou que:

¹¹ Segundo Mello (2018) o Cel. Audálio Tenório de Albuquerque, costumeiramente chamado de Dr. Audálio — doutor empregado como título de autoridade e respeito — era ex-deputado e chefe político do município de Águas Belas, em Pernambuco. Mantinha estreitas relações com os bandoleiros. O próprio autor fora afilhado do coronel.

[...] gostava muito de Corisco. Eu tinha um amor do mundo por ele, **eu lutava, eu assumia comando**¹² depois que ele ficou sem os braços....um não tinha firmeza, o outro ficou seco com as balas....não pegava em armas. A arma dele eu tomei conta, passei quase um ano nessa peleja, sendo que era eu que decidia tudo, tanto era o amor que eu tinha por ele (DIAS, 1989, p.18.).

Mediante as declarações da depoente, pode-se perceber nitidamente que ela procura explicar suas ações pelos sentimentos resguardados por Corisco. Entretanto, fazendo uso maior da história oral, no documentário *Assim Era Dadá – A Vida Pós Cangaceiro de Sérgio da Silva Chagas*, o escritor e jornalista Oleone Fontes, afirma que ao se confrontar com uma pergunta que dizia: “no tempo que a senhora foi bandida...”. Dadá elevou os ânimos e respondeu: “Me respeite que eu nunca fui bandida! Eu fui cangaceira, eu fui vítima de uma sociedade agressiva, todo mundo era agressivo naquela época, todo mundo era violento naquela época, então eu era violenta também, mas hoje não sou mais” (ASSIM, 2019. Documentário, 49 min). Ou seja, Sérgio entendia que suas ações eram, no seu ponto de vista, para assegurar a própria sobrevivência, em meio a um lugar onde o Estado negligenciava, tanto de modo administrativo como jurídico.

Segundo Santos (2005) quase dois anos após a emboscada da Grota do Angico, Dadá foi baleada na perna direita pelas forças volantes, no distrito de Barra do Mendes, em maio de 1940 — ocasião esta que resultou na morte de Corisco — ela foi presa e sentenciada a sessenta anos de prisão. Contudo, Sérgio usou de sua expertise, apesar de encontrar-se debilitada, presa no Hospital Santa Izabel devido as complicações que levaram a amputação de sua perna baleada, ela recorreu a uma das figuras mais ilustre de sua época, o político e rábula Cosme de Farias¹³. Ainda no hospital, ditou a seguinte carta:

Ilm^o. Snr^o. Major Cosme de Farias, os meus respeitos.

Tem esta o fim especial em solicitar a vossa alma nobre, o favor, um apoio, uma caridade em nome do nosso excelso padroeiro Senhor do Bonfim, em nome dos vossos entes queridos, para que vos compadeça da minha triste situação, da minha grande tristeza, **peço que vós sejais o meu defensor**¹⁴, o meu patrono, nesta causa que existe contra mim, porque eu não sou cúmplice e me condenaram porque eu era mulher de Corisco e só o acompanhava porque o destino foi muito falso me deu como esposa dele, porém, hoje me encontro inutilizada, sem uma perna e, além disso, condenada, sem ter um ente que possa falar por mim, só Deus, e agora essa inspiração enviada pelo Crêador para apelar para o vosso coração generoso, o qual espero serei atendida. Da humilde Sergia Ribeiro, Dadá. (Documento transcrito da digitalização realizada pelo: ASSIM, 2019. Documentário, 49 min. entre 8 - 10 min).

Cosme de Farias se interessou pela causa de Dadá e aceitou ser o seu defensor. O tempo do processo judicial durou cerca de dois anos, mas o habeas corpus foi concedido. Dentre uma das declarações de Cosme, endereçada ao juiz de direito, encontra-se: “ser

¹² Grifo nosso.

¹³ “De todas as frentes sociais em que Cosme de Farias atuou, a defensoria gratuita é uma das mais representativas. Durante 73 anos, ele interveio em mais de 30 mil processos, inclusive no leito de morte, sempre na defesa de réus denunciados em casos de infrações penais e em causas cíveis, uma das suas facetas pouco conhecidas. Nunca acusou. Ele começou a atuar décadas antes da criação da Defensoria Pública na Bahia, fundada em 1966” (SANTOS, 2005, p. 41).

¹⁴ Grifo nosso.

ilegal o constrangimento que sofre a paciente, desde quando contra a mesma não existe flagrante nem mandato preventivo e um despacho de pronuncia por delito de qualquer natureza” (Documento transcrito da digitalização realizada pelo: ASSIM, 2019. Documentário, 49 min. entre 10 - 13 min). Este artigo não objetiva analisar o processo jurídico, no entanto, a partir das falas proferidas tanto por Sérgia como por seu representante, é notável que em nenhum momento ela é referida como cangaceira ou comandante do bando de Corisco, fato esse compreensível, visto se tratar de uma defesa. Mas como abordamos anteriormente, Sérgia não se reprimia ao falar sobre suas ações enquanto cangaceira, em certa medida até orgulhava-se.

Nesses momentos finais de Cangaço (1938-1940), as circunstâncias fizeram de Dadá uma líder, acontecimento que levou alguns bandoleiros abandonar o grupo, por se recusarem a receber ordens de mulher, fato que lhe atribuí a representação de mulher destemida, reproduzido por cordelistas e memorialistas do sertão. Contudo, é evidente as suas habilidades bélicas, não só isso, mas a articulação no espectro político-jurídico, cujo lhe asseguraram a liberdade e a reintegração na sociedade, além de fazer uma contribuição para a história através de seus vários depoimentos.

Considerações finais

Mediante o que foi escrito, entende-se que a participação feminina no Cangaço, ocorrente nos seus últimos dez anos, marcou a História e a Memória. Apesar da relação de submissão dessas mulheres, como era de costume no período, em determinados momentos elas intervieram, reduzindo a incidência de crimes. Observa-se que Maria exercia influência sobre as práticas de Virgulino; e particularmente no caso de Dadá, que chegou a assumir a liderança no “momento de necessidade”, além de cultivar elos com a malha de coiteiros anteriormente estabelecida, sendo alguns desses, poderosos da época.

Na memória do povo sertanejo, perpetua-se que contato com os cangaceiros fora menos conflituoso a partir da entrada das mulheres nos bandos. Portanto, é compreensivo que ideias um tanto equivocadas, como de cangaceiras guerreiras do sertão, tenham sido fomentadas, afinal elas foram contra — mesmo que parcialmente — ao código determinado. Além disso, a proximidade dos bandoleiros para com a sociedade nordestina inibiu cordelistas e memorialistas de realizarem críticas factuais, visto Lampião ser um leitor compulsivo de artigos sobre sua pessoa¹⁵, isso levou a retratação mitificada do Cangaço; que atualmente é reproduzida pela indústria cultural. Logo o que se encontra em maior evidência ocupa maior espaço na memória popular e perpetua-se.

¹⁵ “[...] os autores, sabendo que o Rei do Cangaço era leitor voraz de tudo o que se escrevia a seu respeito, tomavam o cuidado de retratá-lo de forma heroica” (NEGREIROS, 2018, p. 37).

Referências

- ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. *Maria Bonita: A mulher de Lampião*. Salvador: Alba, 2011.
- ASSIM era Dadá – A vida Pós Cangaço de Sérgia da Silva Chagas. Direção de Manuel Neto. Salvador: Centro de Estudos Euclides da Cunha, 2019. Documentário (49 min).
Diário de Pernambuco, 17/02/1937.
- DIAS, José Umberto. *Dadá*. 2ª edição, Salvador: EGBA/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1989.
Estado de S. Paulo, 20/07/1933.
Estado de S. Paulo, 13/01/1937.
- FEMININO Cangaço. Direção: Lucas Viana, Manuel Neto. Salvador: Centro de Estudos Euclides da Cunha, 2013. Documentário (75 min).
- FREITAS, Ana Paula Saraiva. *A Presença Feminina no Cangaço: Práticas e Representações (1930-1940)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP. Assis, 2005.
- GAUER, G.; GOMES, W.B. *Recordação de Eventos Pessoais: Memória Autobiográfica, Consciência e Julgamento*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 24, n. 4, 507 – 514, São Paulo, 2008.
- GOMES, Karolina.; HACKMAYER, Monika.; PRIMO, Virgínia. *Lampião, Virgulino e o Mito: 70 anos do fim do Cangaço*. Agenda 2008/Eclética – PUC-Rio Digital, Rio de Janeiro, 2008.
- LINS, Daniel Soares. *Lampião: o homem que amava as mulheres: o imaginário do cangaço*. São Paulo: Annablume, 1997.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. *Apagando Lampião: Vida e morte do rei do cangaço*. São Paulo: Global, 2018.
- MONTEIRO, Francisco Roberto Pedrosa. *O outro lado do cangaço: As forças volantes em Pernambuco 1922-1938*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE. Recife, 2002.
- NEGREIROS, A. *Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- SANTANA, Rosemere Olimpio de. *Tradições e Modernidade: Raptos consentidos na Paraíba (1920-1940)*. 2013. Tese (Doutorado em História) – UFF. Niterói, 2013.
- SANTOS, Mônica Celestino. *Réus, analfabetos, trabalhadores e um major – A inserção social e política do parlamentar Cosme de Farias em Salvador*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFBA. Salvador, 2005.
- SILVA, Gonçalo F. da. *Maria Bonita – A Eleita do Rei*. Rio de Janeiro: Acad. Bras. De Literatura de Cordel, reedição, 2000.